

d'Orey GAZETA



nº 9



SACO AZUL

Obrigado Maria Gabriela d'Orey Gouveia de Melo(castanho)!

E, nunca é demais lembrar que a realização das Gazetas d'Orey só tem sido possível, pelas BOAS VONTADES, mas também pelo suporte mensal que a Fundação Maria Manuela e Vasco d'Orey dá! É que há material que é necessário comprar todos os meses e trabalho para além das BOAS VONTADES! Todos devemos isso àqueles primos!

ÍNDICE

Quantos somos? (pág.2)
por Redacção da Gazeta

Algumas notas sobre o meu Bisavô (pág.3)
por Manuel Rodrigo Castro Pereira

O Avô Frederico (pág.3)
por José da Cunha

O meu Avô Waldemar (pág.3)
por Ruy d'Orey Pereira Coutinho

Querida Avó Fernanda (pág.4)
por Maria Cristina d'Orey Roquette Álvares

O que nos disse um bisneto (pág.4)
por António d'Orey Capucho

Casa da Nossa Senhora da Assunção (pág.5)
por Redacção da Gazeta

Life's a beach (pág.5)
Frederico Kumlin d'Orey

O meu Avô Frederico Guilherme (pág.6)
por Teresinha Pinto Basto

Histórias engraçadas do Tio Fritz (pág.6)
por Luiz Albuquerque d'Orey

O Rafeiros com história (pág.7)
por Carlos d'Orey

d'Orey "Made in China" (pág.8)
Por Guilherme Moura de Albuquerque d'Orey

A Ducha veio a Lisboa (pág.8)
por Redacção da Gazeta

O MEU NATAL

Chegada esta altura do ano todos nos apressamos a procurar prendas para oferecermos uns aos outros como sinal de amizade, atenção e delicadeza, e por isso quanto maior fôr a nossa estima por alguém melhor deverá ser a nossa prenda.

Eu não sei o porquê desta tradição nem tão pouco desde quando é que se faz assim. No entanto, uma hipótese, no que se refere ao porquê: talvez tenha sido um modo de repetir entre nós o que o Sr. Deus nos fizera em Jesus!

Talvez possamos compreender melhor isto mesmo se em vez de falarmos em "prendas" usarmos uma outra palavra, que me parece mais significativa, ou seja, "presente". De facto, um "presente" é um modo de eu me oferecer e estar "presente" à vida de alguém, dar um "presente" é sempre uma forma de estar "presente" junto de alguém. E o Natal é, na verdade, um modo incomparável: Deus que se faz presente (nos dois sentidos da palavra), ao mundo, à humanidade, à vida de cada pessoa, à minha própria vida.

Queixamo-nos no entanto, do materialismo ou consumismo que se instalaram por ocasião desta festa! E é verdade, tantas prendas abafaram, desvalorizaram, fizeram esquecer a presença/presente de Deus em Jesus Cristo. Creio, porém, que havemos de ter cuidado com outro perigo paralelo a este, e que é, talvez, mais perverso ainda e que consiste em falar "espírito de Natal" com coisa doce e terna, como mensagem vaga, espiritualista, que se lembra do Natal como um sonho lindo, uma utopia maravilhosa na imaginação da humanidade, fazendo do Evangelho apenas o "mais belo dos contos".

Para mim, ser católico, por ocasião do Natal, consiste, em acreditar em abraçar e obedecer, em amar e viver daquilo a que chamamos Encarnação: Deus tornado carne humana acolhido e guardado por aquela primeira comunidade de crentes, Maria e José, que encontraram toda a sua Paz ao dizer Adorando-O o nome de Jesus!

Padre Joaquim Pedro Lobo
Cardoso Quintella (azul)



Presépio de Maria da Madre de Deus Figueira Quintella (azul)

Redacção: Tim-Tim (laranja) email: timtim_milu@hotmail.com Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: lloureiro@mdados.pt Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

QUANTOS SOMOS?
pela Redacção da Gazeta

Do casal Augusto Eduardo Guilherme Hector Achilles d'Orey e Luiza Henriqueta Longuinha Isabel Mouzinho de Albuquerque nasceram nove filhos ou dez. Há uma filha Maria que morreu bebé e que ainda não se encontrou registo. Na lápide do jazigo Achilles d'Orey está gravado além do seu próprio nome, o "da sua filha Maria" com respectivas datas, assim como "Auf Wiedershen". As duas primeiras filhas não Casaram. Quanto aos restantes, todos tiveram descendência. Vamos indicar os números de descendentes (sem contar com os conjugues). Não se poderá concluir que a descendência do casal é a respectiva soma, porque houve casamentos entre primos, portanto números de "folhas" comuns a "ramos" diferentes!

Maria Luiza

Ulrika

Ruy
697

Frederico
497

Luiz
347

Ana
134

Waldemar
311

Guilherme
400

José Diogo
29



ALGUMAS NOTAS SOBRE O MEU BISAVÔ

por Manuel Rodrigo Castro Pereira (encarnado)

Pai de minha avó materna **Maria Isabel Perestrelo d'Orey**, casada com **José Correia de Sampaio de Melo e Castro**. O meu bisavô Frederico tinha uma personalidade que, se evidenciava especialmente, pela sua extrema bondade e total devoção à sua Família, amigos e aos necessitados.

No decorrer da sua vida profissional, desempenhou o cargo de Director Geral de Minas, como funcionário público exemplar, participou como sócio na firma Orey Antunes, tendo mais tarde vendido a sua parte a seu irmão Rui e fundou ainda a Sociedade Comercial por Quotas Orey, Limitada.

Durante o inverno vivia em Lisboa, na Travessa do Patrocínio n.º1, à Estrela, num belo edifício com amplo jardim, hoje propriedade da Embaixada da Suíça.

No verão, numa casa, que mandou construir em Cascais, entre Santa Marta e a Boca do Inferno, veraneava parte da família que, para aí, se deslocava com "armas e bagagens". Ao todo eram sempre cerca de 30 ou mais pessoas, incluindo o pessoal e familiares,

"comandados", na parte culinária, pela cozinheira Carlota que, dos seus 100k, governava com pulso de ferro e alimentava com belos acepipes todos os "hóspedes". Entretanto, no serviço doméstico, comandava o José "Violeta" que, educado e a viver desde miúdo connosco, era considerado, como mais um dos membros da família.



Frederico d'Orey, sua mulher e filha Isabel



Casa da Rua do Patrocínio

O AVÔ FREDERICO

por José da Cunha (encarnado)

Frederico Mouzinho de Albuquerque d'Orey, nasceu a 22 de Julho de 1860 no Faial onde viveu os seus primeiros sete anos. Casou com **Maria Eugénia Perestrelo de Vasconcellos** a 7 de Janeiro de 1884. Tiveram sete filhos, Luiz, José Manuel, Maria Isabel, Guilherme, Maria Tereza, Maria da Assunção e Frederico. Foi para Alemanha para o Colégio do Dr. Hubert Sheck. Formou-se em Engenharia de Minas na Universidade de Clausthall também na Alemanha. Regressado a Portugal, foi Director de Minas e Conselheiro Superior de Obras Públicas e Minas. Escreveu sobre a técnica e exploração de minas, um trabalho que ainda há poucos anos era consultado. Era muito inteligente e tinha uma grande qualidade que o tornava muito simpático, era extremamente tolerante e procurava sempre ver a razão daqueles que dele discordavam. Era ternurento e tinha muito charme. Foi sócio e trabalhou na Orey Antunes.



Frederico d'Orey com a sua mulher e alguns Perestrelos

Lembro-me que, sempre que a Senhora Condessa de Barcelona nos visitava, perguntava logo pelo "Violeta" que, encantado, lhe fazia uma grande reverência, treinada assiduamente ao espelho. Outro típico episódio aconteceu num jantar importante, onde a conversa à mesa incidia a certa altura, sobre o rendimento do pessoal doméstico em geral e mais particularmente sobre o pessoal em serviço na casa do Patrocínio. O José "Violeta" que estava a servir e sempre atento, logo interveio, sussurrando ao ouvido de minha avó "Parlez francais à cause des bonnes".

Voltando ao meu bisavô Frederico que, na sua enorme bondade, sempre distribuía esmolas à porta de casa do Patrocínio e como já disse estava sempre pronto a ajudar os outros, teve, em determinada altura, prova do reconhecimento por parte de um deles, conhecedor dos preceitos e leis em vigor no país. Por altura da Primeira Grande Guerra, os cidadãos de origem germânica, segundo esse amigo, iriam ser obrigatoriamente exilados, mas tal podia ser evitado, se invocassem a sua qualidade de funcionários públicos. Meu bisavô não perdeu tempo e invocou a sua qualidade de Director Geral de Minas, o que lhe permitiu ficar em Portugal!

Outro episódio que recorde envolvendo meu bisavô, aconteceu na casa de Santa Marta, em Cascais - último pouso do General Sanjurjo que com alguns companheiros aí esteve antes de partir para Espanha, para se juntar às tropas franquistas. Da casa partiram para a quinta da Marinha, afim de tomarem o avião que os transportaria, com destino ao país vizinho. O avião caiu e incendiou-se, tendo meu Pai conseguido retirar o piloto ainda com vida!



Maria Eugénia Perestrelo



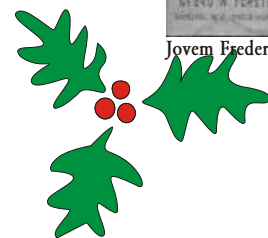
Frederico no Brasil, com o seu irmão José Diogo, e sua filha Maria Isabel

Mandou fazer a Casa de Nossa Senhora da Assunção em Cascais - Santa Marta.

Essa casa ainda existe e era onde passávamos o Verão com a tia Maria Isabel, a Pilita e os filhos. Lembro-me do avô ir às vezes a pé até à estação para os netos irem de carro para a praia. Adorava a natureza. Passear, aos fins de semana na Marginal era para ele o máximo. A avó gostava de ir tomar chá à Bijou. O avô passou por muitas dificuldades e marcou-nos muito o facto de não pôr açúcar no café, para poupar. Eu tenho uma maneira de andar muito parecida com o meu avô, um pouco curvado e as mão atrás das costa.



Jovem Frederico d'Orey



QUERIDA AVÓ FERNANDA

por Maria Cristina d'Orey Roquette Álvares



Fernanda Almeida d'Orey

o coração, transbordava, não só para os teus filhos e netos mas para todos aqueles que conviviam contigo.

Às vezes dou comigo a pensar: como gostaria de dar catequese como tu davas cheia de entusiasmo, transmitindo uma fê tão vivida e

Podem-me para falar de ti....Sei lá fazer isso!

Aquilo que foste, e continuas a ser, para mim é tão profundo e íntimo... A tua ternura, o teu olhar, a atenção que davas a cada pessoa, a maneira simples e digna com que enfrentaste as dificuldades, a alegria e paz que transmitias na vida do dia a dia....

Sinto-me privilegiada por ter sido a tua neta mais velha e pela confiança que tinhas em mim. Ensinaste-me tantas coisas importantes e estruturantes, que só sei dizer, Querida Avó, que ainda hoje é bom pensar em ti!

Dás-me chão para continuar a andar. Sei que o Amor enorme que te enchia

autêntica.

Mesmo quando a voz te faltava eras afinada e cantavas com o coração. Como gostaria de ser para os meus netos uma sombra do que foste para nós!

A tua preocupação com o nosso frio netos chegados de África e mesmo ao fim de um dia de trabalho ia ver se todas as camas tinham botija para enrolar os pijamas... e eram muitos. As latas de bolachas de chocolate que mandavas para Luanda sempre que tinhas portador. As tardes de Domingo no pinhal dos Salesianos onde andávamos de bicicleta, e nunca te esquecias do piquenique com bolas de Berlim da Glória.

Pensavas sempre primeiro nos outros; a tua alegria era que todos estivessem divertidos. Vinhas com os netos, cheia de pachorra, com o teu tricot, sempre a fazer botinhas e casaquinhos para mais um que estava para nascer.

Deixavas as filhas a tomar chá à lareira e vinhas connosco para a rua, sempre alegre, divertida e atenta.

Ainda sinto a ternura do teu beijo de boa noite, da bolachinha e dos rebuçados de Santo Onofre, depois de rezares de joelhos e nos aconchegares a roupa antes de apagar a luz.

Querida Avó, não quero guardar só para mim, a luz que acendeste no caminho da minha vida.

Um enorme beijo da tua neta,
Kikita



O QUE NOS DISSE UM BISNETO

António d'Orey Capucho (Presidente C. M. Cascais)

A Avó Fernanda (mulher de José Manuel Perestrelo d'Orey), foi Comissária Nacional Adjunta da Mocidade Portuguesa.

Na Igreja do Corpo Santo fez uma obra notável, ensinando o catecismo a "meia Lisboa".

Tinha uma capacidade de comunicação um jeito para captar a atenção das crianças fora do vulgar. Até há pouco anos os seus catequisados juntavam-se para comemorar a sua 1ª comunhão, há 40 anos, há 50 anos, etc. pois tinha sido marcante.

Lembra-se muito bem dos almoços de Domingo na Casa Sem Nome em

Cascais onde a sua Avó Fernanda viveu até ao fim da sua vida. As tias eram todas muito alegres, tinham imenso espírito de humor.

Também se lembra que a casa ficava cheia quando a tia Pico vinha de Angola, de férias, com os seus 12 filhos. Neste ramo já existe a 5



Fernanda Almeida d'Orey com as suas quatro filhas

geração de d'Oreys. Os seus pais casaram em 1942 na Igreja do Corpo Santo. A sua irmã Luisa (Maria Luisa d'Orey Capucho Arruda) especialista em Azulejos publicou ultimamente um livro sobre os Azulejos do Hospital de Santana (Paredé) e outro sobre os Azulejos do Hospital de Alcoitão (Cascais). Dos outros irmãos, o Manel é um "industrial" de seguros com grande sucesso e um conhecido jogador de Bridge. A Teresa é pintora e avó. A Maria trabalha na Gulbenkian, o Pedro trabalha com o irmão Manel nos seguros. (a Fernanda o Luís e a Joana



Fernanda d'Orey, Padre Domingos e 3 meninos d'Orey Menano, à porta da Igreja do Corpo Santo

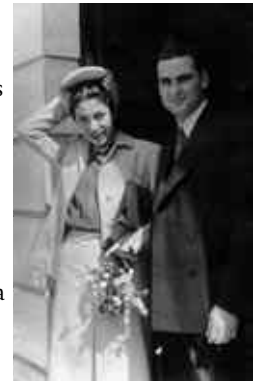
também fazem coisas muito importantes, ficando a Gazeta d'Orey à espera que eles se cheguem à frente e nos digam! Não quisemos cansar o Presidente!)

A família Capucho nasceu "quase" a jogar ténis! A sua Mãe só não jogava ténis durante as suas 9 gravidezes. Com o seu marido formavam um belíssimo par de jogadores.

Destacou pessoas notáveis neste ramo. António Pinto Basto Patrício Gouveia, pessoa fora de série, que morreu com Francisco Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa e respectivas mulheres na malograda queda do avião a 5 de Dezembro de 1980. Era bisneto

de Frederico de Albuquerque d'Orey, assim como a sua irmã, Teresa Pinto Basto Patrício Gouveia que tem um currículo admirável. O último lugar que desempenhou foi o de Ministra dos Negócios Estrangeiros de Portugal (2003-2004). Uma das filhas de Frederico Albuquerque d'Orey, Maria da Assunção, casou com o médico professor catedrático, D. Pedro da Cunha (Marquês de Olhão) e que ficou célebre por ter ajudado a pôr no Mundo muitos bebés daquela época. Uma neta de Frederico d'Orey, a Fula, casou com D. Salvador da Cunha, irmão de D. Pedro, que por sua vez foi o celebre Pediatra de "meia Lisboa". Por sua vez um filho deste último casal, Dr. Pedro da Cunha, foi Padre Jesuíta e Secretário de Estado do Ministro da Educação Roberto Carneiro (1987).

Referiu a Casa de Nossa Senhora da Assunção em Santa Marta-Cascais. Num mapa antigo de Cascais, propriedade da Câmara, conforme fotografia amavelmente mandada fazer pelo António Capucho, vê-se a Casa referida como d'Orey. Também podemos ver uma fotografia actual da casa, que é propriedade dum casal alemão. Havia um azulejo de Nossa Senhora da Assunção nessa casa. O António Capucho já Presidente da Câmara, pediu à actual proprietária, se não se importava de lhe vender o dito painel pois tinha uma tia dele gostaria muito de o colocar em sua casa. Essa senhora retirou o painel, mandou-o restaurar e deu ao António Capucho que por sua vez entregou à sua prima Teresa Pinto Basto que o tem na entrada da sua casa no Monte do Estoril.



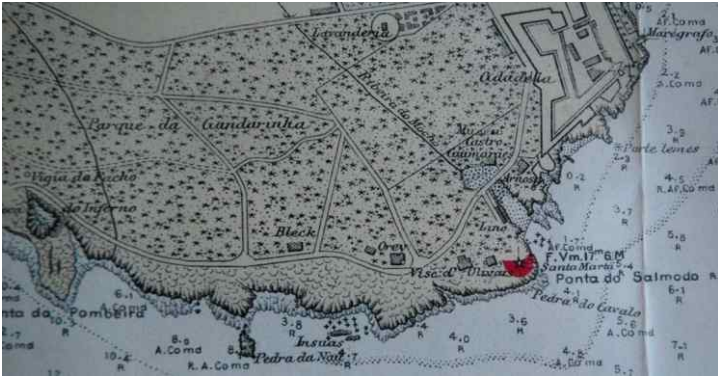
Maria Tereza (Tareca) e António Capucho à saída do seu casamento

CASA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO pela Redacção da Gazeta

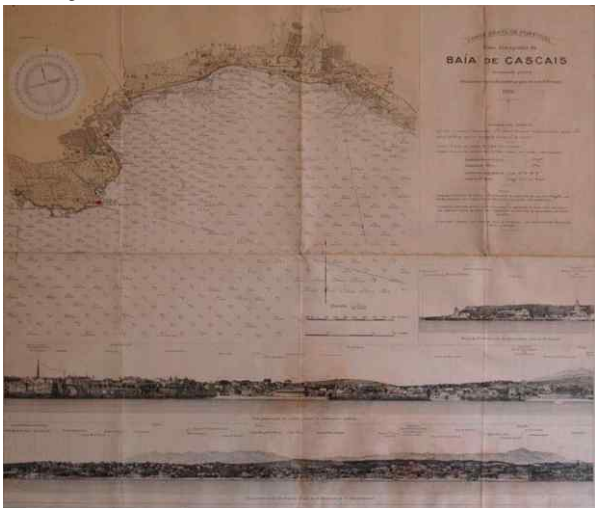
A casa de Nossa Senhora da Assunção, mandada construir por Frederico de Albuquerque d'Orey! Uma casa fantástica, lindíssima, com uma localização ainda hoje de sonho. Verdadeiramente esplendorosa! Local onde o ramo encarnado tem inúmeras recordações dos Verões ali passados.



Na Câmara Municipal de Cascais existe uma gravura da Baía de Cascais, datada de 1926, onde está referenciada esta casa! No canto esquerdo, entre a Boca do Inferno e a ponta do Salmodo, vêm-se indicadas as poucas casas que existiam na altura. A Bleck, a d'Orey e a Lino (por ter sido feita pelo Arquitecto Raul Lino). Por cima o Parque da Gandarinha e o Museu Castro Guimarães.



A Gazeta d'Orey orgulhase de apresentar este interessante documento, graças ao António Capucho que mandou fotografar esta gravura. Obrigado Sr. Presidente!



LIFE'S A BEACH - FRED D'OREY por Bruno d'Orey Slewinski (verde)

Hoje com 44 anos, filho, neto e bisneto de Frederico d'Orey. Jornalista especializado em surf, com coluna mensal na revista Fluir (a principal do Brasil). Actualmente trabalha com moda, onde é proprietário e estilista de sua marca, a Totem Praia (www.totempraia.com.br), com dez lojas no Brasil e uma em Bali, onde possui escritório e passa boa parte do ano surfando e trabalhando. Mas sua grande obra chama-se Martim, seu filhote, nascido em 1994 e actualmente com 12 anos. Aliás, o amor pelo seu filho é uma das suas grandes certezas, tal como o Surf, onde começou desde muito novo, já foi profissional e campeão brasileiro em 1987.



Para Fred d'Orey, as suas inspirações baseiam-se em quatro pilares: a família, o surf, as viagens e a música. Em termos de família, além de adorar ser Pai, inclui também os seus amigos nesse círculo. O surf, que segundo ele, o salvou de tudo e a quem deve muito, já o levou a



Frederico Kumlin d'Orey e seu filho Martim muitos lugares estranhos e exóticos. As viagens, em que destaca Bali como destino predilecto, mas descreve África como parecida com o Brasil, a beleza idílica dos arquipélagos Andaman e Nicobar na Índia, o cosmopolitismo de Amesterdão, etc. O mundo sussura "welcome". A Totem Praia reflecte o seu estilo de vida, já que tal com ele está ligada à praia e ao mar. Uma empresa, uma marca que vive também das suas experiências e vivências, das suas inspirações, das pessoas que o rodeiam. Enganem-se aqueles que pensam que é apenas roupa de surfista, porque

tanto é vestida por eles, como pelos cariocas, como é disputada pela socialite de São Paulo, onde podem encontrar a roupa da Totem em lugar de destaque na Daslu, ao lado de marcas como Gucci, Dior ou Donna Karan. Tem também roupa de criança. Continua a preferir ter as reuniões com o seu staff, em Ipanema, nas areias da praia, ao fim da tarde, debaixo de um toldo. Os clientes que frequentam o showroom em Botafogo, são recebidos por Fred, descalço. Filho de mãe sueca, decoradora que vive entre Londres e Bali, e de Frederico d'Orey (conhecido por Fritz), antigo piloto de automóveis, que participou em corridas na Europa, Estados Unidos e América do Sul, convidado por Fangio para correr na Ferrari na Fórmula 1, a vida de Fred é riquíssima em experiências e vivências, e promete não ficar por aqui.



Frederico Kumlin d'Orey num desfile da sua marca eles, como pelos cariocas, como é disputada pela socialite de São Paulo, onde podem encontrar a roupa da Totem em lugar de destaque na Daslu, ao lado de marcas como Gucci, Dior ou Donna Karan. Tem também roupa de criança. Continua a preferir ter as reuniões com o seu staff, em Ipanema, nas areias da praia, ao fim da tarde, debaixo de um toldo. Os clientes que frequentam o showroom em Botafogo, são recebidos por Fred, descalço. Filho de mãe sueca, decoradora que vive entre Londres e Bali, e de Frederico d'Orey (conhecido por Fritz), antigo piloto de automóveis, que participou em corridas na Europa, Estados Unidos e América do Sul, convidado por Fangio para correr na Ferrari na Fórmula 1, a vida de Fred é riquíssima em experiências e vivências, e promete não ficar por aqui.



Fred com o seu Pai Frederico Themudo d'Orey (Fritz)



DUAS HISTÓRIAS ENGRAÇADAS DO TIO FRITZ* MAIS NOTÍCIAS DO BERNARDO D'OREY por José Luiz de Albuquerque d'Orey pela Redacção da Gazeta

O tio Frederico era realmente o mais caturra dos irmãos. Ou antes o único caturra. Uma vez vinha da quinta para Lisboa num barco uma pessoa que o conhecia cumprimentou-o assim:

- Como está Sr. d'Orey ?
- Bem muito obrigado...
- E como estão os seus genros o Sr. D. Pedro e o Sr. D. José? (Respectivamente o marido da tia Maria Isabel e da tia Assunção, o tio Pepe e o tio Pedro da Cunha)
- Olhe o Sr. D. José vejo-o ali no terreiro do Paço e o Sr. D. Pedro penso que continua no Rossio.

A resposta não é lá muito simpática mas tem graça. Uma vez subindo a rua do Alecrim um senhor passava por ele e houve a seguinte conversa dirigindo-se ao tio Frederico:

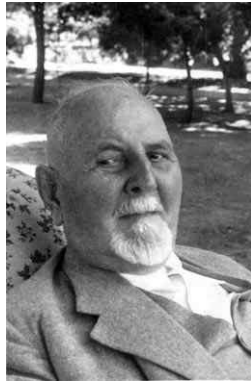
- Como está Sr. Conselheiro?
- Bem muito obrigado e o Sr?
- Bem graças a Deus.
- Então Sr. Conselheiro e como vão as coisas pela política?
- Nem também como nós queremos nem tão mal como se diz.
- O Sr. Conselheiro tem sempre uma resposta inteligente mas que não diz nada...
- Bem adeus Sr. Pimenta.
- Mas eu não sou Pimenta.
- Eu também não sou conselheiro.

(*Frederico Guilherme de Albuquerque d'Orey)

O MEU AVÔ FREDERICO GUILHERME por Teresinha Pinto Basto (encarnado)

O meu avô era uma pessoa especialmente boa muito meigo, sempre a querer ajudar todos, muito generoso e muito, muito querido. Estava sempre de acordo com tudo desde que fosse para ajudar o próximo. Era muito bonito muito alto e adorava música clássica desporto e andar a pé. Íamos sempre à missa do meio-dia ao Domingo na Igreja da Estrela, com a nossa mãe e encontravamo-nos lá com o avô e depois íamos a pé com ele para o Patrocínio, a casa dele em Lisboa, almoçar e passar a tarde. Ele gostava imenso de andar e muitas vezes levava um neto às cavalitas. Muitas vezes passávamos na Pastelaria Normanda, que ainda existe, e que ficava no caminho. Ele era guloso e a avó então nem falar! Açúcar e bolos era a coisa que ela mais gostava. O avô era uma pessoa muito culta e gostava de conversar e a avó nem por isso, mas como tinham sempre a casa cheia ele tinha sempre com quem partilhar as suas ideias sobre tudo política etc. etc.

Na sua casa de Santa Marta-Cascais passava o tempo na varanda a ver os barcos, as gaivotas, pescadores, etc. Esta casa estava sempre cheia pois iam para lá vários primos e era muito divertido. Levavamos muitas vezes a passear de carro a Sintra e a outros locais bonitos. A avó, só queria lanchar bolos e mais bolos, mas não há dúvida que a casa era muito alegre, cheia de vida, união de família e muito divertida. Era uma casa muito organizada onde todos nos sentíamos muito bem e muito à vontade.



Frederico d'Orey (Fritz)



Bernardo d'Orey e Taya de Reyniès

Vive numa casa muito particular! Com a sua mulher, Taya de Reyniès, vive num loft de 110 m², com terraço, num barco (rio Sena, em Paris). Há muito que procuravam uma casa e quando viram esta, ficaram fascinados pela casa e pela luz. Fizeram obras profundas na biblioteca (Taya é directora da Feira do Livro de Paris), cozinha e no terraço, para transformar

o espaço à sua medida - a natureza por perto e um lugar agradabilíssimo para receberem amigos. No Inverno passado tiveram um momento único acordaram com o Sena branco e uma família de cisnes no terraço!!!, o Bernardo, que tem o seu atelier neste espaço continua com a trabalhar em jóias, mas agora na alta joalheria, na Boucheron, o que não quer dizer que não voltará a ter as suas próprias criações.



O PRATO DE SOPA

por João Maria d'Orey Azevedo Coutinho (castanho)

O tio Frederico esteve no Colégio do Dr. Scheck na Alemanha ao mesmo tempo que o meu avô Waldemar. Faziam diferença de 6 anos! Havia por lá um cão "grandanois". Parece que eles não gostavam da sopa que serviam no Colégio. Então o tio Frederico costumava baixar o prato por baixo da mesa e o cão comia a sopa. O meu avô Waldemar achou ótima ideia. Uma dia faz a mesma coisa, não contando que o cão já tinha comido a sopa do tio Frederico, dando só umas lambidelas na sopa dele e foi-se embora. Resultado: o meu Avô que já não gostava da sopa foi obrigado a comê-la depois das lambidelas do cão!



RAFEIROS COM HISTÓRIA

por Carlos d'Orey (verde)



Vale de Burgo é o Monte da casa do meu Avô de que eu sempre mais gostei. Desde muito pequeno, sempre que o Avô lá ia, eu acompanhava-o. Os filhos do guarda, o Joaquim António, eram da minha idade e foi lá que aprendi a tirar um grilo do buraco, que pela primeira vez subi a uma árvore para tirar uma rola do ninho, que fiz o primeiro laço para apanhar um coelho, enfim, todas aquelas coisas que um rapaz pequeno gosta de fazer. Foi também lá no monte, tinha eu uns 6 ou 7 anos, que vi uma cadela parir e nunca mais tive de fazer perguntas sobre como é que nascem os bebés.

Era em vale de burgo que todos os anos pariam as marrãs. A “malhada”, muito perto do monte, era uma construção tradicional, sobre o comprido, um pátio central com calçada de seixo ladeada por quartelhas de um e do outro lado. Ao centro do pátio corria longitudinalmente um cano que captava as águas e dejectos dos animais, e que ia desaguar no campo a uns cinquenta metros de distância. O cano era coberto e as águas entravam por três ralos de grelha de ferro fundido.

O Bicadas era o porqueiro e conhecia, não só as marrãs uma a uma, como, depois de elas parirem, distinguia cada um dos leitões, para cima das duas centenas.

Era um espectáculo assistir à entrada das marrãs na hora do regresso para a mamada. Mães e filhos entravam na malhada e cada um dirigia-se à respectiva quartelha. O Bicadas dirigia a operação com a ajuda do seu Serra d'Aires o “Come se há”, aquele assobiando e gesticulando com o cajado, este correndo de um para o outro lado, encaminhando os bichos para o portal da malhada, não deixando que um só fugisse. As marrãs raramente se enganavam na sua quartelha, mas os bacorinhos entravam por vezes onde não deviam. Depois de todas as portas fechadas, o Bicadas percorria as

SÍMBOLOS DE PORTUGAL

de Manuel d'Orey Santiago Tanger (amarelo)

As T-shirts com os símbolos de Portugal! Criadas pelo Manel! Mais uma bela ideia. Para receberem informação enviem um email para o endereço indicado, porque vale muito a pena, além que são muitas mais do que aqui mostramos: [simboloseportugal@gmail.com!](mailto:simboloseportugal@gmail.com)

Não só pelas t-shirts, mas também pelos SÍMBOLOS DE PORTUGAL. Que bonito!

Parece que o Manel, em cada três anos precisa de mudar, seja de trabalho ou de País! Cada um é “como cada qual”. Pela nossa parte só desejamos que seja muito feliz e que vá deixando “rastos” destes, como os símbolos de Portugal! Faz-nos lembrar um COMETA! E não é que, nem acabámos de escrever estas palavras e parece que ele já se foi embora? Aí vai o Cometa Manel! Está agora em Singapura e seguirá então para USA, Miami trabalhar na Qbian como Director Geral.

quartelhas deitando um rápido olhar para dentro de cada uma “este não é daqui” e tirava, puxando pela perna ou pela orelha o leitão que se tinha enganado e punha-o ao pé da mãe e dos irmãos. E assim repetia o gesto uma dúzia ou mais de vezes.

Vale de Burgo foi sempre o monte onde havia mais cães. O Joaquim António gostava muito de animais e ainda hoje lá vive rodeado deles. Naquele tempo, há uns cinquenta anos, era o Roncão o chefe da matilha. Colossal, cabeça espectacular, patas poderosas, impunha-se pela sua figura: de cor lobeiro escuro tigrado, calçado de branco, colar, peito e ponta da cauda também brancos, era um exemplar típico e perfeito do Rafeiro do Alentejo. Embora poucas vezes lá entrasse, era o único que tinha direito a uma casota, mas preferia dormir como os outros, onde calhava.

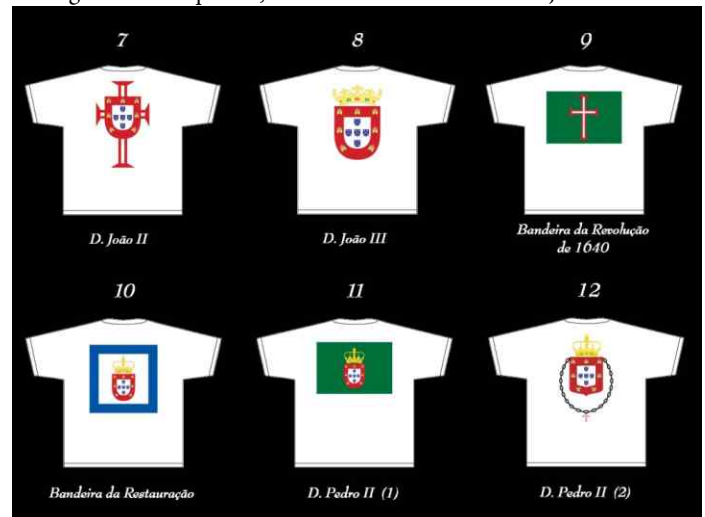
Uma manhã, ao serem soltas as marrãs e bácoros para o montado, o Bicadas deu logo pele falta de um leitão. “Conho, onde se terá ele metido?”. Na malhada não estava ele e nem com a ajuda do Joaquim António e dos seus seis filhos, o encontraram nas imediações do monte. “Foi alguma raposa que o papou, não era a primeira vez, só admira os cães não terem dado sinal.

O dia retomou o seu ritmo normal, e, já a manhã ia longa, alguém notou qualquer coisa de estranho: os cães andavam por ali como de costume, mas era notória a ausência do Roncão! Nisto, um dos miúdos gritou admirado “O Roncão está dentro da casota!”.

C'os diachos, aquilo era mesmo de estranhar, só com a cabeça de fora, olhar atento, um pouco inquieto, mas como se não ouvisse as chamadas, parecia até esconder qualquer coisa. “Estará o bicho doente?”. Foi-se verificar. Teve-se que o puxar pela coleira para ele sair, contrariado, e foi então que se desvendou o todo o mistério....: dentro da casota, com ar confortado e nada contrafeito, estava o leitão desaparecido!. Tirado também para fora, procurou logo as patas do Roncão e foi entre elas que se foi pôr. Este começou logo a lambê-lo, e, com ar protector a empurrá-lo com o focinho para dentro da casota, como se de algo de seu se tratasse. Foi com ar contrariado e triste que viu levarem-lhe de vez o protegido!

Uma rápida investigação foi conclusiva: A grelha de um dos buracos do cano de escoamento da malhada tinha saído do lugar, provavelmente pelo foçar de uma das porcas, e o leitão foi lá cair. Como não conseguisse sair por onde entrara, foi andando pelo cano e foi dar aonde este acabava. Não atinando com o caminho de volta à malhada ter-se-ia pela certa perdido e acabaria na barriga de alguma raposa se não fosse o Roncão, na sua missão de rondar o monte, o ter encontrado. Sentindo-se na obrigação de proteger o património do dono, encaminhou-o para a sua casota, onde achou que ele estaria em segurança. Mas o seu instinto foi mais além e achou-se no dever de o limpar e aquecer e com ele se manteve toda a noite.

Cão de guarda e de pastor, é bem o Rafeiro do Alentejo.



NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA

de Guilherme Moura de Albuquerque d'Orey (amarelo/verde)

O primeiro d'Orey "Made in China" já chegou! O Tomás nasceu a 31 de Outubro em Pequim com 3835g e 52cm. Correu tudo bem e tanto a Rita como o Tomás estão óptimos. Voltamos para a nossa casa em Changchun no sábado, e agora estamos a habituar-nos às mamadas a meio da noite e choradeiras com cólicas.

Finalmente os homens em minha casa já não estão em minoria.

A Luisa (a irmanzinha) está excitadíssima com isto tudo, mas também com alguns ciúmes. Anda sempre a tentar chamar a atenção, mas acho que temos tudo sob controle.



LANCHE DE PRIMAS

no Grémio Literário de Lisboa

No passado dia 21 de Novembro a Isabel Marchand Abecassis (rosa) ofereceu um lanche a um grupo de primas. A razão especial para este lanche era....ESTARMOS JUNTAS! Que amor!

Foi muito agradável com grande e muito interessante conversa. Aliás não é de falta de assunto que nenhuma de nós se pode queixar, não é primas?

Estiveram presentes a Inês (amarelo e verde), Peweee (castanho), a Helena (azul), a Chantal (rosa), a Nico (verde). Faltaram a Bedina (amarelo e laranja) e a Tim-Tim (laranja), mas foi pena!



SELECÇÃO NACIONAL DE RUGBY

Marcelo d'Orey com grande jogada que garantiu vitória

A selecção portuguesa de rãguebi deu mais um importante passo rumo à fase final do Mundial'2007, garantindo um lugar no "play-off" de qualificação para a prova a realizar em França, ao bater a Rússia por 26-23, no derradeiro encontro do Grupo B.

Num Estádio Universitário de Lisboa quase lotado, Portugal conseguiu ultrapassar, pela primeira vez este ano, uma equipa da Rússia fisicamente

muito forte, através de uma jogada fantástica de Marcelo D'Orey, que resultou num ensaio de Diogo Mateus, numa altura que a equipa nacional estava em desvantagem no marcador (19-23). Portugal alinhou com: Rui Cordeiro (Cristian Spachuk, 51'), João Correia, Joaquim Ferreira, Gonçalo Uva, Marcelo D'Orey (Juan Severino, 80'), Diogo Coutinho (Sebastião Cunha, 80'), Paulo Murinello (João Uva, 72') Vasco Uva, José Pinto (Luís Pissara, 57'), Gonçalo Malheiro (Duarte Pinto, 66'), Pedro Carvalho, Diogo Mateus, Miguel Portela, António Aguilar e Pedro Leal.



NAU CATRINETA

por Tim-Tim (laranja)

Cá está a nova Gazeta
Que tem muito que contar
Não é a Nau Catrineta
Mas tem histórias de encantar
Todos nós temos algumas
Que gostamos de lembrar
É só puxar pelas plumas
No papel as relatar
Já falámos das solteiras
Já falamos da casada
Todas com boas maneiras
Qual delas a mais prendada
O Ruy que foi o primeiro
O José Diogo em seguida
O Luís veio em terceiro
Todos venceram na vida
Waldemar foi o mais rico
Guilherme o bom caçador

Nesta Gazeta é o Frederico
São frutos de um grande amor
E a Gazeta sem parar
Pois com tantos descendentes
(somos quase três milhares)
Tantas histórias para narrar
Oh tios, primos e parentes
Conta tudo o que lembrares
Coisas a que assistiram
Outras talvez que ouviram
Gestos nobres aventuras
Dos avós netos e filhos
Traquinices, diabruras
Castigos, prémios sarilhos
Toda a colaboração
A Família já não esquece
E a Gazeta agradece
Do fundo do coração.

A DUCHA VEIO A LISBOA!

pela Redacção da Gazeta



Tivemos a visita da nossa prima Maria Eleonora de Odivellas d'Orey (rosa) que veio de S. Paulo e quis conhecer um pouco mais da nossa "Família"! Começou pela Gazeta d'Orey! Muito simpaticamente convidou a Tim-Tim e a Nico para um agradável jantar nas Docas. Estava combinado uma ida à Rua Tomás da Anunciação conhecer alguns dos primos Quintella e a casa onde o seu avô passou largos



anos da sua vida. A Fátima Quintella estava a "postos", mas o tempo da Ducha foi curto, já não deu. Apenas demos uma voltinha, antes do jantar, por algumas casas de referência da família. Não houve tempo para mais, mas ficou a promessa para uma próxima vez, com mais tempo conhecer mais.

